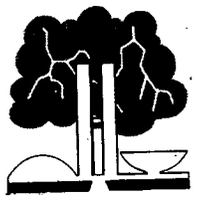
ESCÂNDALO/DESDOBRAMENTOS

CPI - Orçamento

Pressões ameaçam fim do trabalho da CPI

Clima tenso provocado pela perspectiva de cassações leva parlamentares a fazer ameaças, provoca racha na subcomissão de evolução patrimonial e causa cancelamento de reunião

ELZA PIRES e JOÃO DOMINGOS



BRASÍLIA — O medo da cassação levou ontem parlamentares suspeitos de envolvimento em irregularidades da Comissão de Orçamento a um vale-tudo para livrar o nome do relatório final da CPI do Orçamento. O clima tenso acabou provocando o cancelamento de uma reunião da comissão marcada para a tarde. Os ânimos acirrados também foram responsáveis por um racha na subcomissão de evolução patrimonial. O relatório que o coordenador, senador José Paulo Bisol (PSB-RS), pretende apresentar já está sendo contestado antes mesmo que dele tomem conhecimento outros integrantes da subcomissão. "Bisol está fazendo juízo de valor sobre cada um dos investigados", disse o senador Pedro Teixeira (PP-DF), um dos mais ferrenhos adversários do senador gaúcho na CPI.

TROPAS DE CHOQUE TENTAM EXCLUIR NOMES DO RELATÓRIO FINAL

Tropas de choque circulavam pelos corredores do Congresso na defesa de parlamentares que supostamente serão incluídos no relatório final com proposta de cassação de mandato. Um grupo suprapartidário formado por integrantes do PP, PPR, PTB e PFL foi até o presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), para tentar invalidar relatórios de subcomissões. "Não sou tutor de crianças", reagiu Passarinho. O presidente da CPI sugeriu que os queixosos procurassem o relator, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE) e prometeu abrir, a quem quiser ver, o relatório de Bisol.

Teixeira foi até o Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) queixar-se do servidor Hipólito Gadelha, que teria feito diligências em Luziânia, para investigar o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PP). Teixeira, que é partidário do governador, solicitou ao funcionário que não utilizasse as prerrogativas que lhe tinham sido dadas pela CPI, para fazer investigações sobre Roriz, e o acusou de ser agente da CUT. Ao verificar que Bisol se aproximava, Gadelha ergueu o tom de voz. "O senhor baixa a voz, porque está desrespeitando um senador", gritou Teixeira.

Minutos depois da briga entre Teixeira e o funcionário do Senado, o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA) chegou ao Prodasen, acompanhado do deputado José Lourenço (PPR-BA). Tinoco estava indignado porque, mesmo considerando que havia se saído bem no depoimento que prestou à CPI, seu nome foi citado entre os que poderão ser cassados. Lourenço queria de qualquer maneira que Tinoco tivesse acesso aos documentos levantados pela CPI. Mas servidores argumentaram que ele, como suspeito, não poderia nem entrar no Prodasen. Foi o suficiente para que Lourenço ameaçasse dar uns tapas em alguém.

O deputado Francisco Diógenes (PPR-AC) não foi tão violento. Acusado de ter desviado milhares de dólares de subvenções sociais, juntou a bancada do Acre e, nervoso, foi até o coordenador da subcomissão de subvenções fazer a sua defesa: aos gritos.